

DEPOIMENTO

Maria Celina Soares de Mello e Silva¹

A

na Maria de Almeida Camargo. O que dizer dessa pessoa tão especial? Por mais que se diga, nunca será o suficiente. Poucas pessoas têm o dom natural da generosidade e esta foi uma característica de Ana Maria que me marcou, além de sua erudição.

Suas qualidades são muitas, difícil enumerar. Para começar, a atenção que ela me dedicou, por telefone, sem nem me conhecer. Tomei coragem de ligar para consultá-la sobre a possibilidade de cursar o doutorado sob sua orientação. Ela se interessou pelo meu tema de pesquisa e me convidou para ir a sua residência para conversarmos melhor. Parti para São Paulo e fui recebida com muita gentileza. Explicava meu projeto de pesquisa e ela entendia muito bem, dando sugestões e apontando

¹ Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense (1987), mestrado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1995) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2007). É docente do Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST. Atualmente presta serviço de organização de arquivo pessoal para o Instituto Moreira Salles.



caminhos que simplesmente pareciam se encaixar perfeitamente com minhas ideias. Tê-la como orientadora do doutorado deu um *upgrade* em minha vida acadêmica. Minha tese foi aprovada com louvor e distinção, parte mérito meu, mas grande parte mérito de sua orientação, que me deu confiança, incentivo e subsídios para procurar fazer cada vez melhor.

Certa vez ela chegou a comentar comigo - após a conclusão do doutorado, quando conversávamos sobre orientação - que fui sua aluna "modelo", dizendo que tudo o que ela me pedia para fazer eu fazia, e em tempo hábil. Sob sua orientação e dedicação rápida à leitura de meu texto, depusitei a tese seis meses antes do prazo e aguardei outros seis meses para defender. Entrei em uma "fila de espera". E eu dizia para ela que "uma vez mestre, sempre mestre", pois nunca deixei de usufruir de seus conhecimentos mesmo após o período da orientação.

Nosso contato, mesmo à distância, era frequente. Trocávamos ideias sobre o trabalho com os arquivos. Quando comecei a estudar tipologia documental, ela era meu referencial. Eu telefonava ou mandava mensagens sempre que tinha dúvidas e ficávamos conversando por muito tempo, trocando informações para chegarmos a alguma conclusão. Ela vibrava quando lhe apresentava um documento novo, que ela desconhecia, e precisávamos dar nome ao mesmo. E dizia que continuasse a enviar as dúvidas, ela adorava estudar um documento para tipificá-lo.

Desde que a conheci houve uma sintonia muito grande, não apenas para o trabalho com os arquivos, mas também uma amizade que perdurou até seu falecimento.

Quando, em 2016, participamos da Comissão Científica do evento "De Minha Casa para Todos", realizado no Museu Imperial, em Petrópolis, convidei Ana Maria para ficar hospedada na minha casa, e esticar para o final de semana. Ela, muito educada, como sempre, disse que ficaria em um hotel. Porém, não lhe dei escolha, disse que tinha uma suíte master à sua disposição, o que lhe daria privacidade. Ela acabou aceitando porque, no fundo, queria conhecer minha casa e meu pai, de quem tanto eu lhe falava. Ambos, eruditos, conversaram e daí surgiu uma admiração mútua. Durante sua estadia em minha casa, ocorreu um fato um tanto engraçado, que me marcou. No final de semana que seguiu ao evento, estávamos em casa, deitadas nas redes do quiosque do jardim, e

conversando animadamente sobre trivialidades. Eis que alguém gritou, lá nos fundos da casa: “Uma cobra! Uma cobra!”. Para mim, que vivi a vida toda em lugar com muito verde e animais silvestres, com morro ao fundo, nada de anormal. Mas para Ana Maria foi um acontecimento inusitado. Ela pulou da rede e saiu correndo dizendo que queria ver a cobra. Eu achei graça da reação dela, mas, ao mesmo tempo, fiquei preocupada e pedi que ela não corresse, pois poderia cair. Jamais imaginara Ana Maria correndo! Mas ela estava curiosíssima para ver a cobra, achou aquilo tudo muito curioso. Mesmo correndo, não deu tempo... ela apenas viu o rabinho da cobra fugindo para o mato. Nunca me esquecerei da cena. Depois, rimos muito disso!

Ana Maria foi uma pessoa especial, daquelas que fazem a diferença na nossa vida. Foi um privilégio conviver com ela e ter tido o privilégio de compartilhar de seu conhecimento e amizade. Guardo em meu arquivo algumas imagens de Ana Maria, com muito carinho.

Imagem 1 - Lúcia Maria Velloso de Oliveira, Ana Maria de Almeida Camargo, Maria Celina Soares de Mello e Silva e Renata Silva Borges, no 5º Encontro de Arquivos Científicos, promovido pelo MAST e a FCRB, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, em setembro de 2011. Ana Maria fez parte da Comissão Científica do evento.



Fonte: Acervo pessoal



Imagem 2 - Fabiano Cataldo, Maria Celina Soares de Mello e Silva, Ana Maria de Almeida Camargo, Lucia Maria Velloso de Oliveira e Alexandre Faben, no evento “De Minha Casa para Todos”, realizado em setembro de 2016 no Museu Imperial, em Petrópolis.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 3 - Heloísa Bellotto, Maria Celina Soares de Mello e Silva e Ana Maria de Almeida Camargo em um táxi (2018).



Fonte: Acervo pessoal



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

